

# QUAIS AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS?

*Revista Pergunte Responderemos, outubro de 1957.*

## FILOSOFIA E RELIGIÃO

MAURÍCIO (Rio de Janeiro): "*Quais as provas da existência de Deus?*"

Os argumentos clássicos em favor da existência de Deus, já parcialmente esboçados pelo filósofo grego Aristóteles (+322 a. C.), podem-se resumir nas três seguintes vias:

### 1. A contingência do movimento

a) Há no mundo movimento e mudanças contingentes, transitórios.

O que é uma proposição evidente, ditada pela experiência cotidiana.

b) Ora todo ser que se mova contingentemente, é movido por outro.

Com efeito, "entrar em movimento" ou "mudar" significa "receber uma perfeição ou determinação não possuída". Doutro lado, "mover" implica "dar tal perfeição". É, porém, impossível que o mesmo ser receba e dê ao mesmo tempo a mesma perfeição, pois, para receber, é preciso não ter; para dar, requer-se que tenha. Dada a impossibilidade de ter e não ter ao mesmo tempo o mesmo objeto, conclui-se que todo ser que entra em movimento ou se move contingentemente (após um estado de inércia), recebe de outro (causa eficiente ou motriz) o princípio de seu movimento. Se ele fosse o próprio princípio adequado de seu movimento, estaria sempre em movimento e mover-se-ia necessariamente, não contingentemente, deveria estar agindo antes de começar a agir — o que é absurdo.

c) Na série das causas motrizes, deve haver uma, Suprema e Absoluta, que explique o movimento das demais e por nenhuma outra seja explicada. Uma série infinita de causas motrizes dependentes e contingentes nada explicaria, cada qual seria mera transmissora, nenhuma apresentaria a razão de ser do movimento; tal série se poderia comparar a um canal que se prolongasse muito, mas fosse destituído de fonte; ora, se não há fonte, não há nem intermediários (ou canal) nem há efeito. Um conjunto numeroso (diga-se: infinito) de espelhos a refletir uma imagem não dá conta, por si só, da imagem neles refletida; cada um apresenta uma figura espelhada dependente, a qual supõe a figura que se espelha, absoluta.

Poder-se-ia replicar que o processo do movimento se verifica desde toda a eternidade; por isto, não tem princípio. Neste caso, porém, seria desde toda a eternidade que a série dos moventes dependentes exigiria um Movente Absoluto, independente; o simples fato de haver movimento o pede; o tempo ou a duração é apenas medida do fato, mas não constitui uma fonte de energia.

Existe, portanto, um Princípio de todo movimento, o qual por si mesmo possui a sua atividade, sem depender de outro. E tal Movente Absoluto é chamado Deus.

### 2. Os graus de perfeição dos seres.

a) Observa-se que nada no mundo é absolutamente perfeito, mas tudo parece aproximar-se “mais ou menos” da perfeição simplesmente dita ou do ideal. Quem se serve dos bens desta terra, vive num perpétuo “encanto desencantado”, pois só encontra valores que se desvalorizam. O homem mais prendado de bens materiais e espirituais ainda tem capacidade para apreender mais alguma coisa; também o homem mais santo se vê sempre inferior aos seus propósitos.

b) Ora o relativo supõe necessariamente o Absoluto.

Todo homem que fala de "mais" e "menos (bom, belo, veraz...)", só o faz porque tem em mente, implícito, o conceito do Máximo, daquilo que é "por excelência", sem restrição nem limitação. Quem experimenta o caráter relativo das coisas, reconhece a presença de um Ser Absoluto e Exemplar; é somente a existência deste que justifica a apreciação mais ou menos favorável que se faz das coisas relativas.

Em linguagem mais técnica, as considerações acima se poderiam assim formular: observem-se as perfeições que por si mesmas não dizem imperfeição alguma — a bondade, a beleza, a justiça, a ciência (há, sim, perfeições que em si implicam imperfeição; assim o "arrepender-se", o conhecimento sensitivo, sempre restrito, o "raciocinar progressivamente", sempre sujeito a erros...). Aquelas perfeições em seu conceito não incluem negação nem lacuna; se a intuíssem, dever-se-ia dizer que a bondade é, por sua própria essência, a maldade,... que a beleza é, por sua essência, a feiura, etc. Se, portanto, existe no mundo bondade, mas bondade restrita; se existe beleza, mas beleza restrita deste ou daquele modo; se existe vida, mas vida limitada em tais e tais seres reais, estes seres supõem necessariamente outro que neles tenha limitado a bondade, a beleza, a vida, e que por nenhum outro seja limitado. Em outros termos: supõem outro que neles tenha feito a composição da bondade, da beleza... com aquilo que as restringe, pois tal composição não se explica pela natureza da bondade mesma nem pela da beleza mesma. E esse Compositor há de ser a Bondade Absoluta, irrestrita, a Beleza Absoluta, a Justiça Absoluta — medida e causa eficiente dos seres limitados.

c) Existe, pois, a Perfeição Ilimitada.

O parágrafo b), acima, levava a concluir: existe o absolutamente Belo, o absolutamente Bom, o absolutamente Veraz, etc.

Contudo, se se reflete mais um pouco, verifica-se que Bondade, Beleza, Verdade não são senão modalidades do ser; significam o ser sob determinado aspecto (o ser comparado à inteligência, o ser comparado à vontade, o ser comparado ao senso estético...). Em consequência, afirmar-se-á: há um Ser que é ao mesmo tempo Bom sem limite (a Bondade mesma), Veraz sem limite (a Verdade mesma), Belo sem limite (a Beleza mesma). Este Ser não recebe sua Bondade nem sua Veracidade nem sua Existência de uma fonte extrínseca, mas Ele as tem de per si, por sua própria entidade; se as recebesse de fora, Ele só as poderia receber de maneira limitada, participada (ou em parte). Por conseguinte, esse Ser não tem, mas é, sua própria Perfeição. A Ele se atribui o nome de Deus.

### **3. A ordem e a finalidade existentes no universo.**

a) Quem considera o universo, não pode deixar de nele verificar ordem estupenda e tendência de múltiplos elementos (por si indiferentes a múltiplas possibilidades de concatenação) em demanda de um fim bem determinado.

O "macrocosmos", por exemplo, ou o mundo dos astros, apresenta um conjunto de corpos sabiamente coordenados dentro de proporções "astronômicas", ou seja, que escapam às cifras com que o homem habitualmente lida na terra.

O "microcosmos" ou o mundo do átomo reproduz simetricamente a estrutura do "macrocosmos" ou, mais precisamente, do sistema solar; as minúsculas dimensões e as enormes velocidades dos corpúsculos que giram dentro de um átomo atingem por sua vez cifras astronômicas.

No mundo dos viventes, a harmonia dos elementos que constituem um vegetal ou um animal causa surpresa, dada a complexidade das funções concatenadas em vista da conservação e da defesa da vida. Basta recordar a estrutura de um olho, de um ouvido. Tenha-se em vista outrossim que, quando se extrai um rim de um organismo doentio, o outro logo se desenvolve além das proporções necessárias ao metabolismo normal. Por que isto? — Porque a natureza parece querer possuir uma reserva, "prevendo" o caso eventual de se tornar necessário o trabalho equivalente ao de dois rins. Tais exemplos se poderiam multiplicar.

b) Tão maravilhosa ordem, tão segura tendência a um fim supõem exista uma Inteligência que as tenha concebido e produzido.

Ordem significa adaptação de diversos elementos entre si em vista de certa finalidade a ser obtida. Ora a adaptação supõe a intuição de um efeito ainda não existente na realidade concreta, mas existente idealmente, ou seja, num intelecto, de modo espiritualizado, superior ao modo corpóreo, sensível. Ordem supõe a intuição da natureza íntima ou da essência de cada um dos seres que estão para ser adaptados; supõe o conhecimento daquilo que é perene e latente sob os fenômenos sensíveis e variáveis que cada corpo dá a ver. Somente quem percebe a estrutura íntima dos seres sabe utilizá-los como meios para obter determinado efeito.

Pois bem; um conhecimento tal é característico de um espírito ou de um ser dotado de inteligência (inteligência e espírito se evocam mutuamente; cf. "Pergunte e Responderemos" 3/1957, qu. 1). Só a inteligência é capaz de comparar e apreender as qualidades que podem relacionar ou ligar elementos aparentemente desconexos entre si.

Quem realiza a análise física e química de um relógio, parece explicar perfeitamente as propriedades de cada uma das suas peças: a resistência dos metais, a força das molas, o processo das alavancas, etc. Contudo esse estudioso não explica a escolha de tais peças, nem a sua associação em um maquinismo apto à contagem do tempo. A razão de ser de tal associação não é indicada pela análise das peças do relógio; não se acha latente em nenhuma de suas molas; nenhuma, por sua natureza, explica porque está assim correlacionada com as demais. Tal razão de ser está, sim, contida fora do relógio, num Ser real existente: foi este que por sua inteligência concebeu e realizou a combinação de elementos necessária ao fim preconcebido de marcar o tempo.

O ser inteligente que por via destes raciocínios se chega a descobrir há de ser absoluto, ilimitado, incriado, pois a Ele se deve não apenas o ato de dispor em ordem alguns ou muitos seres preexistentes (deixando de parte outros, como poderia fazer um homem), mas igualmente o de conceber e realizar o plano do universo inteiro e de cada um de seus

componentes. A inteligência que concebe e dá existência real a cada ente desde as raízes do seu ser (das quais emanam suas propriedades e atividades), só pode ser o Ser simplesmente dito, o Infinito, que por definição se chama Deus.

Dir-se-á, porém: quem sabe se todas essas estruturas e suas atividades não poderiam ser igualmente produto do acaso?

Não há sério pensador que hoje em dia ainda recorra ao acaso; este expediente implicaria um sofisma clamoroso. De fato; o acaso não é uma causa, nem um agente, mas o cruzamento não necessário de causas independentes umas das outras; vem a ser, portanto, uma relação entre elementos preexistentes, um mero acontecimento verificado entre estes. A intervenção do acaso não explica a origem dos agentes que "casualmente" se encontram e combinam.

O seguinte exemplo, muito famoso, ainda concorre para evidenciar o absurdo da hipótese do acaso: considere-se uma só molécula de proteína, substância que entra na constituição de qualquer corpo vivo; suponha-se, para simplificar os cálculos, que tenha o peso molecular 20.000 e conste de 2.000 átomos pertencentes a duas espécies apenas. A probabilidade de se formar por acaso uma tal molécula se reduz a:  $2,02 \times 10^{-321}$  ou  $2,02 \times 1/10^{321}$  !

O volume de substância necessária para que uma tal probabilidade se realize, seria o de uma esfera cujo raio exigiria  $10^{82}$  anos-luz para lhe percorrermos a distancia. Quem lançasse ao acaso os átomos componentes de tal molécula de proteína ao ritmo de 500 trilhões de vibrações por segundo, dispondo de um volume de átomos igual ao da esfera terrestre, precisaria de  $10^{243}$  bilhões de anos para obter uma só molécula de proteína. Não esqueçamos, porém, que a Terra só existe há dois bilhões de anos e que a vida nela apareceu há cerca de um bilhão de anos apenas! Leve-se outrossim em conta que um ser vivo se compõe de bilhões de células de proteína e que, segundo a linguagem dos fósseis, bilhões de seres vivos tiveram origem sobre a terra em lapso de tempo notavelmente breve. É o que leva a rejeitar peremptoriamente a origem aleatória do mundo.

Os três grandes argumentos acima, de índole metafísica, são confirmados pelo testemunho da natureza humana mesma:

a) todos os povos através dos séculos professaram a crença em Deus. Esta proposição foi lançada em descrédito no século passado, quando Darwin comunicou ao mundo ter encontrado na Terra do Fogo um grupo de índios, os Yamana, destituídos de religião (1834). Novas explorações, porém, empreendidas no século 20 por estudiosos austríacos, mais competentes em Etnologia do que o naturalista Darwin, levaram a ver que os mencionados aborígenes têm religião, e religião assaz pura. Ulteriores pesquisas entre as tribos primitivas do mundo atual incutiram mesmo a conclusão seguinte: quanto mais simples é o grau de cultura de um clã, tanto mais simples e puro é também o seu conceito de Deus; o politeísmo, a magia são desvirtuamentos da religião primitiva, desvirtuamentos que o homem é tentado a realizar quando entra em contato mais assíduo com as forças da natureza; tende então illogicamente a esfacelar o conceito de Deus e distribuir os atributos divinos pelos seres materiais de que ele depende para efetuar sua indústria e seu comércio;

b) também merece atenção o brado de todo indivíduo humano em demanda de bem-aventurança. Não há quem não queira ser feliz, e feliz sem limites, pela posse de um bem

que nunca se acabe. Ora tal sede inata só se explica razoavelmente se de fato existe o Objeto infinitamente bom a ela correspondente; a natureza se manifesta em tudo harmoniosa, coerente consigo mesma. É o Bem Infinito que fala pela consciência de todo indivíduo, chamando-o a si mediante a norma gravada, no íntimo de cada um: "Faze o bem, evita o mal". É esse mesmo Ser que se faz ouvir pelo remorso consequente a uma violação da consciência.

Ó grandeza do homem, a de não estar condenado a viver e morrer de si para si! É, ao contrário, entre o Alfa e o Omega que ele se move neste mundo!

Sobre o tema abordado nesta resposta, pode-se consultar com proveito:

P. Cerruti, A Caminho da Verdade Suprema; Universidade Católica do Rio de Janeiro 1954, 461-584.

J. A. O'Brien, Deus existe? Editora Vozes de Petrópolis 1949.

Lecomte du Noüy, O homem e o seu destino. Editora Educação Nacional, Porto 1953.

*Dom Estêvão Bettencourt, OSB.*